

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e**  
**Tecnologias Contemporâneas**

Letícia Maria Machado

**GRUPOS DE BORDADO COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA**  
**E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A INCLUSÃO SOCIAL**

Belo Horizonte

2023

Letícia Maria Machado

**GRUPOS DE BORDADO COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA  
E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A INCLUSÃO SOCIAL**

Monografia de especialização apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa de Paula Xavier Vilela.

Belo Horizonte

2023

Ficha catalográfica  
(Biblioteca Prof. Marcello de Vasconcellos Coelho - EBA- UFMG)

707 M149g 2023	<p>Machado, Letícia M., 1956- Grupos de bordado como expressão artística e suas contribuições para a inclusão social [recurso eletrônico] / Letícia Maria Machado. – 2023. 1 recurso online.</p> <p>Orientadora: Andréa de Paula Xavier Vilela.</p> <p>Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.</p> <p>Monografia em formato de artigo científico. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Arte – Estudo e ensino. 2. Bordados. 3. Integração social. 4. Arte e sociedade. I. Vilela, Andréa P. X. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.</p>
----------------------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: LETÍCIA MARIA MACHADO, Nº. DE REGISTRO: 2021700172.

TRABALHO FINAL: “GRUPOS DE BORDADO COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA QUE CONTRIBUI PARA A INCLUSÃO SOCIAL”.

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

**APROVADO** em 13 de julho de 2023, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Profa. Dra. Andréa de Paula Xavier Vilela (Orientadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)

Profa. Dra. Camila Rodrigues Moreira Cruz (Membro da Banca Examinadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Camila Rodrigues Moreira Cruz, Professora do Magistério Superior**, em 10/08/2023, às 10:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andrea de Paula Xavier Vilela, Professora do Magistério Superior**, em 26/08/2023, às 17:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2531525** e o código CRC **5D8FD596**.

## RESUMO

O presente artigo desenvolve reflexões sobre a arte de bordar em grupos de mulheres como forma de expressão a ser utilizada na potencialização do trabalho social realizado no âmbito das políticas públicas de Assistência Social, Cultura, Saúde e Educação. Busca dar visibilidade a abordagens teórico-metodológicas da arte-educação, dos grupos de convivência e fortalecimento de vínculos comunitários e grupos arteterapêuticos, como estratégias complementares para a efetivação de processos sociais emancipatórios de ampliação de consciência, da cultura e de geração de renda. Trata-se de uma temática importante no campo do ensino de artes pois busca avançar na compreensão de diferentes dinâmicas teórico-práticas que envolvem a produção do bordado, ao mesmo tempo que analisa as propriedades desta técnica quando realizada em grupos de mulheres. Para o alcance dos objetivos da pesquisa foi feito levantamento bibliográfico, pesquisa de registros fotográficos e visita a exposições dos bordados produzidos. O estudo responde à problemática: a arte do bordado, que durante séculos esteve restrita ao ambiente familiar, pode ser um instrumental significativo de inclusão social e de criação de espaços de ressignificação de vidas, de autoconhecimento e fortalecimento de vínculos? Os trabalhos dos grupos de bordadeiras demonstram que sim.

Palavras-chave: arte do bordado; grupos de bordadeiras; vínculos; inclusão social.

## **ABSTRACT**

This article develops reflections on the art of embroidery in groups of women as a form of expression to be used in the enhancement of social work carried out within the scope of public policies of Social Assistance, Culture, Health and Education. It seeks to give visibility to theoretical-methodological approaches of art education, of coexistence groups and strengthening of community ties and art therapy groups, as complementary strategies for the realization of emancipatory social processes of expanding awareness, culture and income generation. This is an important theme in the field of arts education, as it seeks to advance in understanding different theoretical-practical dynamics that involve the production of embroidery, while analyzing the properties of this technique when performed in groups of women. In order to reach the objectives of the research, a bibliographical survey was carried out, research of photographic records and visits to exhibitions of the embroideries produced. The study responds to the problem: can the art of embroidery, which for centuries was restricted to the family environment, be a significant tool for social inclusion and the creation of spaces for re-signification of lives, self-knowledge and strengthening of bonds? The works of the groups of embroiderers demonstrate that yes.

Keywords: art of embroidery; groups of embroiderers; bonds; social inclusion.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA ARTE DO BORDADO .....</b>	<b>7</b>
<b>3 O ENSINO DO BORDADO E SUAS PROPRIEDADES COMO LINGUAGEM EXPRESSIVA EM PROCESSOS GRUPAIS NA ARTE-EDUCAÇÃO, NO FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS COMUNITÁRIOS E EM PROCESSOS ARTETERAPÊUTICOS .....</b>	<b>10</b>
<b>4 EXPERIÊNCIAS DE GRUPOS DE BORDADEIRAS: RESISTÊNCIA E INCLUSÃO SOCIAL.....</b>	<b>14</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente texto tem como finalidade contribuir para o aprofundamento das reflexões sobre a arte como forma de expressão a ser utilizada para potencializar o trabalho social desenvolvido no âmbito das diversas políticas públicas voltadas para a população em situação de vulnerabilidade social.

Justifica-se, pela necessidade de se buscar estratégias de atuação profissional baseadas em referenciais teórico-metodológicos complementares ao Serviço Social, para desvelar possibilidades eficazes de promover processos sociais mais efetivos de emancipação do sujeito, de forma que se torne o protagonista de sua própria transformação e da mudança de paradigma de desenvolvimento humano e social necessária destes tempos.

Trata-se de um estudo que tem como objetivos compreender os processos grupais de produção artística do bordado e suas possibilidades de inclusão social de mulheres, além da criação de espaços de ressignificação de suas vidas, no sentido do autoconhecimento e do fortalecimento de vínculos comunitários. A pesquisa realizada foi a partir da revisão de literatura que englobou livros e artigos científicos relacionados ao problema investigado, como Sousa (2012), Philippini (2009) e Queiroz (2011).

O texto inicia-se com uma breve contextualização sócio-histórica acerca do bordado e segue para um aprofundamento teórico-metodológico de seu ensino em processos grupais, especialmente na abordagem da arte-educação, em grupos de convivência e fortalecimento de vínculos comunitários e no *setting* arteterapêutico. Por fim, comenta o trabalho desenvolvido em algumas experiências de grupos de bordadeiras, que caracterizam dinâmicas de empoderamento, inclusão social e ampliação do exercício da cidadania e da cultura.

## 2 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA ARTE DO BORDADO

Pode-se considerar que a arte do bordado é uma prática humana que remonta à pré-história. A costura de peles de animais com fios e fibras teria sido o passo inicial para seu surgimento, uma vez que se identifica que essa costura, além de uma função prática, passou a incorporar elementos de adorno. Aos povos babilônicos, porém, é atribuído o mérito de terem sido os primeiros a desenvolver a prática do bordado por meio da costura adornada, tendo sido posteriormente superados pelos egípcios. Já os gregos e romanos, que propagaram essa arte pela região que conhecemos como Europa, comparavam o bordado à pintura, devido às suas qualidades visuais.

Queiroz (2011), citado por Maísa Ferreira de Sousa (2012), descreve a riqueza das artes têxteis pré-colombianas que incluem a arte do Cerrado e da Amazônia, da etnia Munduruku, localizada entre os Rios Tapajós e Madeira. A autora cita também o bordado europeu e sua estreita ligação com a Igreja Católica na Idade Média, além da influência dos povos orientais devido às Cruzadas. Sousa (2012) explica que neste período, o bordado se estabelece como uma atividade executada por mulheres, em sua maioria, no ambiente doméstico.

O ensino do bordado na maioria do percurso histórico pertence à tradição oral. Na Idade Média, na Europa, o ensino era realizado no âmbito doméstico, de mãe para filha. Estudos realizados sobre este período demonstram que a Igreja Católica agregou o bordado no currículo, pois já era responsável por praticamente todo o ensino formal. A técnica de bordar era ensinada para as filhas da nobreza em conventos. Observa-se que o bordado português sofreu influência de diversos países que se destacaram na produção têxtil, no período medieval, como Inglaterra, França, Países Baixos, Alemanha, Espanha e Suíça. Com base no estudo de Queiroz (2011), Sousa (2012) destaca que na América o bordado foi influenciado pela tradição europeia imposta pela colonização, sendo que no Brasil essa influência foi principalmente portuguesa.

No Brasil colônia, o ensino do bordado se deu em instituições denominadas de Recolhimentos, além do ambiente doméstico. Com o surgimento da República e implantação do ensino público no Brasil, algumas instituições se dedicavam à educação feminina e incluíam o ensino do bordado.

Na Idade Moderna, o bordado se expande para a vestimenta das classes mais abastadas, se tornando indicação de sua posição social. No entanto, no final do séc.

XIX, o bordado à máquina, de execução rápida, passa a competir com o trabalho manual. Mas a marca do artesão e a qualidade do acabamento gera um movimento de reação à industrialização acelerada.

Maria Celi Chaves Vasconcelos, citada por Sousa (2012), explica que a inclusão das mulheres em instituições de ensino do Estado, ocorreu no final do século XIX, justificada pela necessidade de educar o homem. O currículo incluía ensino de idiomas, história, aritmética e música, além dos trabalhos manuais e doméstico.

No início do século XX outras possibilidades foram criadas, unindo arte e artesanato a partir da proposta da Escola Bauhaus, com a criação de objetos que aliassem beleza à funcionalidade. No Brasil, este movimento se reflete na arte contemporânea, reincorporando o bordado como tema de discussão e técnica de elaboração de imagem.

Na década de 1920, inicia uma nova discussão sobre o ensino público, a formação profissional e as questões de gênero. A partir deste período, são criadas escolas profissionais para mulheres, que além do bordado e da costura, incluem conteúdos voltados para a inserção da mulher no mercado de trabalho, além do magistério. (AZEVEDO; FERREIRA, 2006 *apud* SOUSA, 2012). Somado a estes fatores, o fortalecimento dos movimentos feministas, ocorrido a partir da década de 1960, provoca o desaparecimento do bordado da educação formal pública, devido a equiparação dos currículos entre os gêneros.

No entanto, de acordo com Correa (2007), a história do bordado e de seu ensino o perpetuou como uma atividade doméstica ligada ao gênero feminino, pois durante o século XIX e parte do século XX a prática do bordado era vista pela sociedade como um indício de que a mulher era virtuosa e conseqüentemente seria uma boa esposa e mãe. No Brasil esse quadro permaneceu até a década de oitenta nas aulas de educação artística com ecos das disciplinas de Educação Doméstica ou Trabalhos Manuais, que visava preparar as alunas para gerir suas futuras famílias.

Nas últimas décadas observa-se um interesse masculino pelo bordado principalmente em pequenas comunidades que sobrevivem da agricultura familiar. Nelas a venda do bordado feito pelas mulheres se tornou uma renda extra, chegando a sustentar as famílias nos períodos de entressafra. E, apesar de nesses grupos ele sempre ter sido considerado uma atividade exclusivamente feminina, devido o aumento da procura e valorização econômica do artesanato brasileiro, os homens também começaram a bordar ou ajudar em alguma etapa da produção.

Observando esse contexto Sousa (2012) conclui que ainda existe no campo das artes no Brasil uma segregação econômica e de gênero, devido à falta de acesso das classes mais pobres aos conhecimentos artísticos institucionalizados e ao mesmo tempo uma hierarquização entre a arte e a arte popular nos conteúdos de história da arte. Embora ainda se identifique certa hierarquização no que se refere às práticas ligadas ao artesanato e as práticas artísticas, é possível identificar o uso do bordado por parte de diversos artistas contemporâneos. No Brasil, vale citar o trabalho de Arthur Bispo do Rosário, Leonilson, Lia Menna Barreto e Letícia Parentes, dentre outros.

### **3 O ENSINO DO BORDADO E SUAS PROPRIEDADES COMO LINGUAGEM EXPRESSIVA EM PROCESSOS GRUPAIS NA ARTE-EDUCAÇÃO, NO FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS COMUNITÁRIOS E EM PROCESSOS ARTETERAPÊUTICOS**

O caráter interventivo do Serviço Social exige a busca constante de estratégias alternativas e complementares para dar conta da complexidade dos fenômenos sociais contemporâneos. A atuação inter e transdisciplinar é fundamental nos dias de hoje, considerando a integralidade que deve permear o fazer profissional. A articulação entre políticas públicas de diversas áreas: de Assistência Social, de Saúde, de Educação, de Cultura, dentre outras, de acordo com cada situação singular, exige um olhar múltiplo que articula estratégias de atuação e pressupõe abertura para posturas criativas e para a pesquisa nos processos de trabalho.

É neste contexto que a arte pode ser um instrumental importante no trabalho de intervenção social em processos grupais, pois de acordo com Hegel (1974), a função da arte consiste em tornar uma ideia acessível à nossa contemplação mediante uma forma sensível, que relaciona ideia e forma, que se fundem e interpenetram. As práticas artísticas, portanto, refletem valores, concepções de mundo, costumes, ou seja, a subjetividade do sujeito que pode ser trabalhada no contexto grupal.

O ensino da arte no Brasil passou por diversas abordagens tanto no contexto escolar como em outros ambientes. A maneira de ensinar reflete as ideias que predominam em determinado período histórico e interferem diretamente nas produções artísticas resultantes de processos grupais.

No Brasil, as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pela pedagogia libertadora de Paulo Freire, que abriu as portas para a tendência realista-progressista no âmbito do ensino da arte, tendo enfoque no aluno como sujeito histórico de direito, e na troca de conhecimento entre aluno e professor, que se torna um mediador do conhecimento, buscando fazer com que o aluno aprenda, analise e se conscientize sobre as situações vividas em sociedade, passando a atuar como sujeito crítico e participante.

No âmbito da arte-educação a Abordagem Triangular do Ensino da Arte propõe que a construção do conhecimento em arte aconteça na interface entre experimentação, codificação e informação e que o programa de ensino de arte seja

composto por três ações básicas: fazer arte, contextualizar e ler obras de arte. Esta abordagem propõe uma profunda revisão das questões do ensino e da aprendizagem das artes, e foi criada a partir de “apropriações, experimentações e revisões, em sintonia com as mudanças no contexto cultural da pós-modernidade e com o Movimento de Arte Educação que se fortalecia no Brasil desde a década de 1980” (BARBOSA; COUTINHO, 2011, p. 50). Esta triangulação tem fundamentação educacional nas concepções de três pensadores: John Dewey, Paulo Freire e Elliot Eisner.

A Abordagem Triangular ganhou uma amplitude sistêmica, entendida como epistemologia da arte para o ensino da arte na contemporaneidade. A leitura contextualizada da obra ou da imagem é entendida como leitura do mundo, mais próxima da ideia de interpretação cultural, ou seja, a ação contextualizada está relacionada ao ato de ler, ouvir, perceber e significar o mundo (BARBOSA; COUTINHO, 2011). A contextualização pode ser histórica, social, psicológica, antropológica, geográfica, ecológica, dentre outras, que permite praticar a educação em direção à multiculturalidade, à ecologia, valores da pedagogia pós-moderna.

A dimensão da produção da Abordagem Triangular não separa a dimensão artística da dimensão estética. Toda produção tem seu contexto de origem, seja material ou conceitual e assim, a história das técnicas e o desenvolvimento das tecnologias no campo das artes estão relacionadas com as práticas de produção e recepção.

Neste aspecto, Sousa (2012) considera esta abordagem adequada para a organização de oficinas de educação informal para o ensino do bordado em pequenos grupos pois afirma que o ensino/aprendizagem do bordado pode trazer temas para discussão no contexto da arte-educação referentes à gênero, políticas, produção material de culturas tradicionais, além do estudo dos fundamentos da linguagem visual. A autora desenvolve uma proposta pedagógica denominada “Ponto e Linha sobre Pano” durante a disciplina de Diplomação em Artes Plásticas-Licenciatura do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, que resulta no reconhecimento do bordado como linguagem propícia para trabalhar conteúdos de arte-educação juntamente com grupos de artesãos(ãs), facilitando o acesso da população em situação de vulnerabilidade social aos conteúdos de artes visuais.

As razões da escolha do trabalho artístico em grupos estão fundamentadas na afirmativa de que grande parte do aprendizado social é feito em grupos, pois pessoas

com necessidades semelhantes podem apoiar-se mutuamente e descobrir juntas soluções para problemas comuns. Além destes fatores, os integrantes de um grupo podem aprender com a experiência dos outros.

O grupo, segundo Kurt Lewin (1969), não é o somatório de pessoas e portanto, não é o resultado apenas de psicologias individuais, mas sim um conjunto de relações em constante movimento. A dinâmica dos grupos inclui processos de formação de normas, comunicação, cooperação, divisão de tarefas, distribuição de poder e de liderança. Os integrantes de um grupo podem experimentar novos papéis, ao verem qual a reação dos outros diante deles e podem se fortalecer mutuamente (ARAÚJO, 2012). Portanto, é no contexto da convivência em grupos sociais que se fortalecem vínculos e que podem se ampliar as chamadas redes de apoio social.

De acordo com Sluski (1997, p. 23),

[...] a rede social pessoal pode ser definida como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como mais significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para sua auto-imagem. Constitui uma das chaves centrais da experiência individual de bem estar, competência e agenciamento ou autoria, incluindo hábitos de cuidado da saúde e a capacidade de adaptação em uma crise.

Sposati afirma que convivência é forma e vínculo é resultado, ou seja, no âmbito do trabalho social desenvolvido em grupos, acontece a produção de ligações entre sujeitos de direitos capazes de afetar e serem afetados nos encontros realizados. Estas vivências grupais propiciam oportunidades de escolhas e de decisões coletivas pelas quais se corresponsabilizam, "sentindo-se pertencentes a um lugar, ou seja, capazes de identificar/reconhecer e afirmar o valor/qualidade dos vínculos constituídos em sua trajetória" (BRASIL, 2012, p. 23).

No que tange às relações grupais, torna-se relevante refletir acerca das questões relativas aos tipos de vínculos que se estabelecem entre os membros pertencentes a um grupo e também nos desdobramentos que este processo pode obter junto a comunidade. E foi com a finalidade de complementar o trabalho social no âmbito do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, que em 2009, foi regulamentado o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, que é realizado em grupos, organizado conforme a idade dos participantes, e oferta atividades artísticas, culturais, de lazer e esportivas. A partir de então, em diversos

municípios brasileiros, foram organizados grupos de bordadeiras, que desenvolvem sua arte, ampliando trocas culturais e vivências que estimulam o sentimento de pertença e de identidade.

Uma outra abordagem teórico-metodológica que fundamenta o ensino da arte de bordar em contextos grupais é a aplicada em ateliês arteterapêuticos. A arteterapia é uma área de atuação relativamente nova pois foi no final do século XIX que surgiram os primeiros profissionais interessados na utilização de suas técnicas para tratamento de estados depressivos e comportamentos considerados inadequados, visando uma melhor comunicação entre os caminhos da psique, ou seja, entre o inconsciente e o consciente.

No atendimento arteterapêutico os registros manifestados nas produções plásticas são campos férteis que indicam pistas sobre quem somos, como estamos, e como nos sentimos. Por meio de atividades plásticas criativas, como o desenho, o bordado, a pintura, a modelagem, dentre outras, o indivíduo pode mapear suas limitações e ativar seus núcleos sadios através dos símbolos que vão surgindo no processo denominado por Carl Gustav Jung de individuação. A arteterapia, fundamentada na Psicologia Analítica de Jung, tem a finalidade de propiciar mudanças psíquicas, expansão da consciência, a reconciliação de conflitos emocionais, o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal.

Conforme Philippini (2009), as atividades de linha e agulha são extremamente úteis no processo arteterapêutico pois ensinam sobre a necessidade de cuidado, gradualidade, minúcia, atenção e concentração. A autora destaca que nos grupos mergulhados em processos criativos do mundo do bordado, é possível o compartilhamento de reminiscências do território, ancestralmente identificado como do princípio feminino. As participantes do grupo podem retomar seus próprios “fios da meada”, se apropriando deles, descobrindo suas próprias saídas do labirinto, tal como Teseu ao segurar o fio que lhe deu Ariadne” (PHILIPPINI, 2009, p. 65). Os benefícios da arte de bordar são descritos por Casoy (2008), no seu artigo “Bordado, Sentido, Lentidão e Memória”, citado por Philippini que afirma que costurar e bordar nos ajudam a desacelerar e que estas atividades são compatíveis com práticas como a meditação em movimento.

#### 4 EXPERIÊNCIAS DE GRUPOS DE BORDADEIRAS: RESISTÊNCIA E INCLUSÃO SOCIAL

A experiência de bordar em grupo tem promovido diversas oportunidades de aprofundamento do exercício da cidadania, além de se constituir como espaço de expressão de ideias inovadoras, revolucionárias e muitas vezes de resistência à contextos sociopolíticos opressores. O bordado tem sido utilizado também como prática complementar integrativa, no caso da arteterapia, como será abordado a seguir.

A exposição *Histórias do Vivido – Sementes da Esperança* realizada em dezembro de 2021, no Instituto Inhotim, em Minas Gerais, um dos maiores museus a céu aberto do mundo, apresenta obras que fazem parte do projeto *Semeando Esperança* desenvolvido pelo Instituto de Promoção Cultural Antônia Diniz Dumont (ICAD) e pela Fundação Vale, desde 2019. O projeto atende moradores locais, amigos e familiares de vítimas do rompimento da barragem B1, por meio de conversas e técnicas de bordado livre. Nesta Mostra foram reunidos 16 painéis, 44 mandalas e 18 peças criadas por setenta e três mulheres da região de Brumadinho, que utilizam o bordado como expressão artística e na criação de narrativas das histórias pessoais. Os painéis, bordados coletivamente em vivências psicopedagógicas, são relatos, traduzidos em linha e agulha, sobre suas trajetórias de vida, os territórios onde habitam e os pontos que as unem. Eles foram bordados sob o desenho de Demóstenes Vargas, artista do ICAD, e expressam sentimentos e histórias entrelaçadas por diversas mãos.

As mandalas, produzidas individualmente pelas artistas, traduzem memórias, sentimentos e lembranças de cada uma destas mulheres, que foram vítimas do segundo maior desastre industrial do século. O projeto *Semeando Esperança* utiliza a arte-educação como estratégia de fortalecimento, conscientização e construção de relações saudáveis. Também busca restabelecer uma vida produtiva e saudável para as pessoas atingidas pelo desastre ambiental ocorrido em 25 de janeiro de 2019.

**Figura 1 — Mandala da Exposição Histórias do Vivido.**



Fonte: PORTAL DA CIDADE DE BRUMADINHO (2021).

O filme *Arpilleras: Atingidas por barragens Bordando a Resistência* (2017), conta a história de 10 mulheres atingidas por barragens das cinco regiões do Brasil, que por meio de uma técnica de bordado surgida em Isla Negra, no Chile, durante a ditadura militar de Augusto Pinochee, costuraram seus relatos de dor, de luta e superação frente às violações sofridas em suas vidas cotidianas. Observa-se também neste contexto, que a costura que sempre foi vista como tarefa do lar, transformou-se numa poderosa ferramenta de resistência, de denúncia e de empoderamento feminino. O Coletivo de Mulheres dos Atingidos por Barragens, o MAB relata no documentário citado, o fio condutor em que cada mulher bordou sua história, singular e coletiva, na respectiva região do mapa do Brasil. Segundo o MAB, em Minas Gerais é feito um trabalho de formação de mulheres e de produção de *arpilleras* para contar suas histórias de luta e fazer a denúncia sobre a violação de seus direitos, totalizando mais de 50 peças produzidas no estado.

**Figura 2 — Mulheres em luta.**



Fonte: BRASIL DE FATO (2017).

O grupo de bordadeiras Filhinas, do município de Sabará, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, se reúne desde 2018, e é composto por 20 mulheres idosas. O grupo teve início a partir do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, integrante do Sistema Único de Assistência Social, que é executado de forma indireta pela Organização da Sociedade Civil, Grupo da Melhoridade Serenidade. O Grupo Filhinas é assim denominado em homenagem a Dona Filhinha, uma senhora que foi a primeira a ensinar a arte de bordar a adolescentes da comunidade, em sua própria residência. O grupo foi criado por suas alunas, quando idosas, a partir do Projeto *100 Pontos conte um conto*, executado pelo Grupo Serenidade, financiado pelo Fundo Municipal do Idoso de Sabará e apoiado pela Anglogold Ashanti. No grupo de bordadeiras Filhinas, o ensino da arte do bordado resultou na criação de uma associação que tem como objetivos o convívio social e a complementação da renda familiar. As bordadeiras realizaram duas ações importantes no âmbito da cultura local: o projeto *Chás Medicinais* e a Exposição *Revisitando a Família de Alfredo Machado*. O primeiro projeto foi dedicado a preservação do costume do uso de chás como remédio, para que esta cultura herdada dos antepassados continue viva nas comunidades. O projeto é feito de bordados confeccionados em tecidos de linho, em que os temas são as ervas fitoterápicas mais usadas na região de Sabará, como o alecrim, o hibisco, o boldo do chile e a camomila, dentre outros.

**Figura 3 — Projeto Chás Medicinais.**



Fonte: PREFEITURA DE SABARÁ (2022).

**Figura 4 — Projeto Chás Medicinais.**



Fonte: PREFEITURA DE SABARÁ (2022).

**Figura 5 — Exposição Revisitando a Família Alfredo Machado.**



Fonte: PREFEITURA DE SABARÁ (2022).

**Figura 6 — Exposição Revisitando a Família Alfredo Machado.**



Fonte: PREFEITURA DE SABARÁ (2022).

O segundo projeto do grupo Filhinas foi realizado em novembro de 2022 e apresentado no Solar Padre Correa, em Sabará. A Exposição *Revisitando a Família de Alfredo Machado*, foi composta por peças bordadas, baseadas em riscos e desenhos feitos pelo artista sabarense Alfredo Machado. O mesmo deixou um acervo composto de pinturas, desenhos e bordados, sendo o seu trabalho consagrado na bandeira oficial de Sabará.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo propiciou reflexões sobre a arte do bordado como um instrumental pedagógico e terapêutico significativo de inclusão social de mulheres, que pode contribuir no desenvolvimento de processos sociais transformadores, por meio da articulação de redes criativas, em diversas políticas públicas, como Assistência Social, Cultura, Saúde e Educação. A contextualização sócio-histórica do bordado demonstra que esta é uma arte visual milenar, que existe desde os primórdios da humanidade, mas que na atualidade, ainda expressa a divisão social do trabalho baseada no gênero. No mundo ocidental, mesmo após os movimentos feministas, bordar permanece como uma atividade predominantemente feminina.

No entanto, observa-se que bordar em grupo, em diferentes contextos teórico-metodológicos, como na arte-educação, nos grupos de convivência e fortalecimento de vínculos e em ateliês arteterapêuticos, pode facilitar a criação de espaços de reflexão e autoconhecimento, que geram ações organizativas e educativas libertadoras. Foram estudados os trabalhos desenvolvidos por três grupos: de bordadeiras do Projeto *Semeando Esperança*, desenvolvido pelo Instituto de Promoção Cultural Antônia Diniz Dumont (ICAD); os bordados do tipo *arpilleras*, produzidos pelo *Coletivo de Mulheres dos Atingidos por Barragens* (MAB) e os trabalhos desenvolvidos pelo grupo de idosas Filhinhas Bordadeiras, criado em Sabará, região Metropolitana de Belo Horizonte, a partir do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) do Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Os resultados do estudo indicam que o ensino/aprendizagem do bordado e as vivências grupais facilitam o acesso da população em situação de vulnerabilidade social aos conteúdos das artes visuais, ampliam as chamadas redes de apoio social e propiciam oportunidades de escolhas e decisões coletivas pelas quais as participantes se corresponsabilizam. Estas ações podem também promover a ampliação da renda familiar e o fortalecimento da cultura nas comunidades.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Terezinha. **Processos grupais: intervenção e pesquisa**. Belo Horizonte: Integrarte: Curso de Arteterapia, 2012.
- ARPILLERAS: Atingidas por Barragens Bordando a Resistência. Direção: Coletivo de Mulheres do MAB. Narração: Dira Paes. 1 filme, son., color., 2017.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. Ensino da arte no Brasil: aspectos históricos e metodológicos. In: **Rede São Paulo de Formação Docente: Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP – Ensino Fundamental II e Ensino Médio**. São Paulo: UNESP, 2011. Disponível em: [https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed\\_art\\_m1d2.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf). Acesso em: 17 jan. 2022.
- BASTOS, Alice Beatriz B. Izigue. A técnica de grupos operativos à Luz de Pichon Rivière e Henri Wallon. **Psicólogo Informação**, n. 14, p. 160–169, jan./dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v14n14/v14n14a10.pdf>. Acesso em: 5 maio 2023.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Departamento de Proteção Social Básica. **Caderno Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos**. Brasília, DF: MDS, 2012.
- LANE, Sílvia T. M. O processo grupal. In: LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderley (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LEITÃO, Carlos Manuel Maia *et al.* Redes de apoio social e de suporte social e envelhecimento ativo. **INFAD: Revista de Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 293–303, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3498/349851776033.pdf>. Acesso em: 6 maio 2023.
- LOURENÇO, Lídia Helena Back; AMORIM, Carolina Anderson Carioni. **Bordando moda: o bordado ajudando as vítimas de violência doméstica**. Artigo — Instituto Federal de Santa Catarina, Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, Santa Catarina, 2019.
- MORE, Carmen L. Ojeda Ocampo. As redes pessoais significativas como instrumento de intervenção psicológica no contexto comunitário. **Paidéia**, v.15, n. 31, p. 287–297, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/vssFPQFfpXDTcDY73gSt5HK>. Acesso em: 6 maio 2023.
- PHILIPPINI, Ângela. **Grupos em arteterapia: redes criativas para colorir vidas**. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

PHILIPPINI, Ângela. **Linguagens e Materiais expressivos em Arteterapia: uso, indicações e propriedades.** Rio de Janeiro: Wak, 2009.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. O ensino de arte e sua pesquisa: possibilidades e desafios. In: NAZARIO, Luiz; FRANCA, Patrícia (Orgs.). **Concepções contemporâneas de arte.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

PRATES, Jane Cruz. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 221–232, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/2313/3244>. Acesso em: 23 jul. 2012.

QUEIROZ, K. G. O tecido encantado: o cotidiano, o trabalho e a materialidade no bordado. In: RIBEIRO, M. C.; MENESES, M. P. (Coords.). **Pós-colonialismos e cidadania global.** Coimbra, Portugal: Universidade de Coimbra, 2011.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre pesquisa em Poéticas Visuais. **Porto Arte**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, nov. 1996.

SILVA, Maria Betânia; VIDAL, Fabiana Souto Lima (Orgs.). **Processos de investigação em/sobre/com artes visuais.** Curitiba: CRV, 2021.

SIMIONI, Ana Paula. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. **Revista Proa**, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa>. Acesso em: 1 maio 2023.

SLUZKI, Carlos E. **Rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOUSA, Maisa Ferreira de. **O bordado como linguagem na arte/educação.** Trabalho de conclusão de curso (Habilitação em Licenciatura) — Universidade de Brasília, Curso de Artes Plásticas, Brasília, 2012. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4494/1/2012\\_MaisaFerreiradeSousa.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4494/1/2012_MaisaFerreiradeSousa.pdf). Acesso em: 20 jul. 2022.